



CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NA AMAZONIA: Reflexões na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, Parintins-AM

Daniela Glória Canto¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a organização dos moradores da comunidade Nossa Senhora de Nazaré no aspecto relativo à conservação ambiental. De cunho interdisciplinar, a abordagem adotada para o estudo foi por meio de pesquisa qualitativa. O método utilizado é o Estudo de Caso, de acordo com Yin (2005). Na Amazônia existem diversas comunidades tradicionais, no município de Parintins são 185, o estudo de caso nesse sentido tem a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré como unidade de análise. Para o delineamento do estudo foi utilizado pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. As análises em campo tornaram-se viáveis por meio de registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas, observação e grupo focal. Os resultados da pesquisa possibilitaram perceber a resistência da comunidade Nossa Senhora de Nazaré, que mesmo em meio a projetos desenvolvimentistas e capitalistas impostos pelo sistema econômico vigente, cria estratégias reivindicando a efetivação de políticas públicas socioambientais.

Palavras-chave: Conservação ambiental 1; Comunidades tradicionais 2; Cultura 3; Ambiente 4.

ABSTRACT

This article aims to analyze the organization of residents of the Nossa Senhora de Nazaré community in terms of environmental conservation. Of an interdisciplinary nature, the approach adopted for the study was through qualitative research. The method used is the Case Study, according to Yin (2005). In the Amazon there are several traditional communities, in the municipality of Parintins there are 185, the case study in this sense has the Nossa Senhora de Nazaré Community as the unit of analysis. For the design of the study, bibliographical and documental research and field research were used. Field analyzes became feasible through photographic records, semi-structured interviews, observation and focus groups. The research results made it possible to perceive the resistance of the Nossa Senhora de Nazaré community, which even in the midst of developmental and capitalist projects imposed by the current economic system, creates strategies claiming the implementation of socio-environmental public policies.

Keywords: Environmental conservation 1; Traditional communities 2; Culture 3; Environment 4.

¹ Professora pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM; Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA; Email danielacanto@outlook.com

PROMOÇÃO



APOIO

1 INTRODUÇÃO

A relação homem/natureza é consideravelmente notada nas comunidades tradicionais, saberes e fazeres no dia a dia acusam os significados de cada parte do ambiente que habitam. A presente discussão aqui traçada tem como objetivo identificar a organização dos moradores de Nossa Senhora de Nazaré, no aspecto relativo à conservação ambiental, desvelando as relações intrínsecas entre a comunidade e o ambiente.

De cunho interdisciplinar, a abordagem adotada para o estudo foi por meio de pesquisa qualitativa, reportando-se aos fatos e percepções dos sujeitos quanto à vida em comunidade e as estratégias para conservação ambiental. O método utilizado é o Estudo de Caso, de acordo com Yin (2005). Na Amazônia existem diversas comunidades tradicionais, no município de Parintins são 185, o estudo de caso nesse sentido tem a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré como unidade de análise, que está situada na zona rural, à margem do lago Zé Açú, a 14 km via fluvial da sede municipal de Parintins-AM. Parintins está localizado no Estado do Amazonas, a 368,8 km em linha reta e 420 km via fluvial de distância de Manaus, com um número de população estimada em 114.273 habitantes

Para o delineamento do estudo foi utilizado pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. As análises em campo tornaram-se viáveis por meio de registros fotográficos, entrevistas semiestruturados, observação e grupo focal. Os passos metodológicos foram de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa e suas reflexões.

A comunidade Nossa Senhora de Nazaré tem buscado estratégias em meio ao cotidiano para superar as problemáticas sociais, ambientais e econômicas. O discurso do capital em prol da industrialização massificada é preocupante para os pequenos agricultores rurais, que ficam as margens desse sistema. Não se trata apenas de relações de comércio, mas de culturas que reelaboram seu existir, a partir da dinâmica

PROMOÇÃO



APOIO



das sociedades. A comunidade cria possibilidades de conservação ambiental em meio às práticas de exploração.

2. CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: Relação ambiente e comunidade

Entre as características que constitui uma comunidade tradicional, destaca-se a questão ambiental, sendo esta, base para existência sociocultural desses lugares. Leff (2009, p.19) fala da necessidade de novas racionalidades de um saber ambiental em contraponto às crises ambientais atuais. Ele apresenta esse saber como uma epistemologia política que busca dar alguns sentidos à existência humana como solidariedade à diversidade e a diferença frente à ordem econômica-ecológica globalizada, evidenciando a exploração e expropriação dos recursos naturais que invisibiliza as identidades coletivas diversas.

Para o autor, o ambiente transcende o sentido coletivo, identidades compartilhadas e significações culturais formando uma complexidade a ser evidenciada e pensada, principalmente no aspecto de uma conservação sustentável. As comunidades tradicionais trazem consigo essa característica coletiva. Diante da fala do autor e da vivência comunitária, é possível perceber que ambiente não é apenas um lugar habitado, mas envolve sentimento de pertencimento, significados culturais, entre outros aspectos que apontam para a relação homem/ambiente, comunidade/ambiente.

Na comunidade Nossa senhora de Nazaré, é possível ouvir, nos discursos dos comunitários, o sentimento de pertencimento do lugar. De acordo com a moradora (F. M, 2020), “aqui é onde eu nasci, e eu amo muito esse lugar, assim como minha mãe amava, queria morrer aqui, apesar dos meus filhos estarem indo para Parintins”. A relação dos comunitários com o ambiente transcende a ideia de “morar”, suas histórias ganham vida em cada espaço da comunidade.

Leff (2002, p. 151) pondera que os movimentos ecologistas e ambientalistas, estão inclusos nos novos movimentos da sociedade civil (religioso, feministas,



juvenis, estudantis, e das minorias étnicas). “Os movimentos ambientalistas emergem como resposta da sociedade à crescente deterioração ambiental”.

Os movimentos ambientalistas não se caracterizam de forma homogênea, mas se diferenciam de acordo com suas demandas e objetivos em prol de ideais e conceitos que se acredita lutar. Essa luta perpassa diversas áreas (sociojurídica; comunitária; política, entre outras) ganhando espaços concretos para viabilização de direitos. Leff (2002, p. 153), em seu discurso, aponta que esses movimentos geram “força social” e com isso ganham potencialidade às reivindicações ambientalistas, chamando atenção para gestão ambiental consciente.

As comunidades amazônicas historicamente sofrem pela cobiça e ganância pelas riquezas naturais da região. Nos últimos anos, enfrentam-se preocupações constantes com os danos ambientais e sociais, resultado de modelos desenvolvimentistas não preocupados com os impactos futuros. Ribeiro. et al. (2003, p.24) aponta a preocupação em 1970 de promover a intensificação de um desenvolvimento que permita pensar nas questões socioculturais da Amazônia.

O autor enfatiza que a Amazônia não é desabitada, mas detém, além das riquezas naturais, potenciais culturais (valores, crenças, costumes) intrínsecos as suas comunidades e povos. Mesmo sem grandes incentivos governamentais, a Amazônia procura estratégias para promover mudanças no âmbito local e nacional. Temos o movimento socioambiental, que para a região teve sua origem com os movimentos sociais atuando junto ao movimento ambiental, “surgindo assim o ambientalismo amazônico”. (RIBEIRO. et al, 2003, p.25-26).

O Estado deve promover políticas públicas voltadas para a sociedade local, potencializando a cultura, a educação ambiental e o empoderamento dessas pessoas, visando reflexos positivos para as futuras gerações. Nessa perspectiva, projetos que buscam o desenvolvimento sustentável de comunidades amazônicas, destacam-se a comunidade Nossa Senhora de Nazaré. Onde a Universidade Federal do Amazonas, campus de Parintins, por meio do Programa Atividade Curricular de Extensão-PACE, tem desenvolvido projetos.

PROMOÇÃO



APOIO





2.1 AMAZÔNIA: A conservação ambiental em meio à lógica de “desenvolvimento” e sustentabilidade.

O conservacionismo dos recursos naturais é um tema bastante discutido nos dias atuais, principalmente com as crises ambientais apontando a finitude desses recursos. Segundo Diegues (2001, p. 28-29), existe visões diferentes relacionadas à conservação do mundo natural, destacando a ideia do Engenheiro Florestal Gifford Pinchat, que trouxe debates sobre “desenvolvimento Sustentável” e “ecodesenvolvimento”, ganhando enfoque temático em 1970.

Pensar no futuro é uma preocupação constante para os comunitários de nossa Senhora de Nazaré, a degradação do ambiente afeta diretamente as famílias da comunidade. A falta de incentivo governamental para a conservação dos recursos naturais mostra a negligência social de um modo de produção que visa prioritariamente o lucro. Tal situação faz com que as comunidades criem estratégias para manutenção da cultura e do ambiente, pensando em gerações futuras e na importância dos recursos naturais em suas vidas.

A Amazônia e seu potencial natural (massa terrestre e florestal, água, biodiversidade), são alvo de cobiça mundial. Shons (2001, p.73) destaca que “segundo a ONU (2006), já temos, no momento atual, cerca de 1,1 bilhão de pessoas dos países em desenvolvimento sem acesso ou com acesso precário à água e 2,6 bilhões que não dispõem de saneamento básico”. Os dados apresentados destacam a precariedade que o mundo assiste, com os impactos da exploração dos recursos naturais. A Amazônia e suas riquezas, a exemplo a água doce, tornam-se cada vez mais disputadas num plano geopolítico.

A globalização e suas transformações socioeconômicas têm reflexos na Amazônia e na sua disputa geopolítica. Beker (2009) fala que profundas mudanças aconteceram, destacando o papel da região no cenário nacional e global, seja na

PROMOÇÃO



APOIO



esfera econômica, na científica-tecnológica, ou para os próprios povos que habitam essa região.

Os olhares para esse lugar não se limitavam a nível regional e sim em escala mundial, influenciando na sua geopolítica. Dessa forma, o fim do século XX retrata a luta de interesses entre projetos conservacionistas e desenvolvimentistas permeados por conflitos que se referenciavam a questão ambiental na Amazônia.

Beker (2009, p. 33) apresenta que as transformações ressignificaram a Amazônia, reconhecida mundialmente como “coração ecológico” do planeta, por agregar um quinto de água doce, um terço de florestas mundiais latifoliadas, entre outras inúmeras características naturais. A supervalorização ecológica da Amazônia é polarizada por conflitos ora a favor da questão socioambiental, ora a favor do capital, que visa a exploração e apropriação desses recursos. Em meio a isso, projetos e programas a nível internacional e nacional foram criados incentivando a pesquisa sobre a Amazônia. O Estado Brasileiro vê nesse movimento oportunidades para fechar acordos, que nem sempre visaram o desenvolvimento sustentável na região.

Shons (2011, p.73) fala sobre as problemáticas ambientais e aponta o capitalismo como seu potencializador. A autora enfatiza que final do século XIX e século XX a questão ambiental ficou mais complexa, acompanhando a questão social e seu agravamento refletido na exclusão, desigualdade e pobreza.

Shons (2001, p. 71-72) chama atenção para a Conferência das Nações Unidas, em Estocolmo (1972), e a Conferência do Rio (1992, conhecida como ECO-92 ou Rio-92), como marcos para se pensar em propostas mais conscientes referentes à questão ambiental, repensando o que seria um “desenvolvimento sustentável”. De acordo com os discursos da autora, salienta-se que “a questão ambiental é uma questão de poucas vozes, que ainda precisam ser amplificadas, estimuladas para se organizarem e produzirem a pressão da resistência que seja capaz de inscrevê-la na agenda política mundial” (SHONS, 2001, p. 72).

Boff (2015) nos fala da crise ecológica, compreendendo ecologia como um conjunto de saberes aliados a realidade social, cultural e o cuidado com o ambiente.

PROMOÇÃO



APOIO



Ao abordar tal crise, o autor enfatiza que ela tem afetado todo o planeta causando desequilíbrios, abordando a tecnologia como um de seus agravantes.

O discurso da tecnologia voltado à industrialização e ao consumo não promove um desenvolvimento sustentável, sendo contrária às perspectivas de conservação, onde o lucro se sobrepõe à condição humana. Apesar do “desenvolvimento sustentável” ter sofrido críticas, foi de suma importância para repensar nas formas de uso dos recursos naturais.

Segundo Silva (2010, p. 175), “O conceito de Desenvolvimento Sustentável tem sido focado, majoritariamente, a partir de uma visão tridimensional de desenvolvimento, na qual à eficiência econômica combinam-se requisitos de justiça social e de prudência ecológico”. Essa visão difere da crítica feita por Boff (2015) à palavra “desenvolvimento”, a qual apresenta como ambígua, pois também faz parte do discurso do capital.

Boff (2015, p. 135) se refere ao desenvolvimento como um dos motivos à crise ecológica por acreditar que sistema vigente alimenta as sociedades mundiais de um mito, “o mito do progresso e do crescimento ininterrupto e ilimitado”, que aponta quem tem o poder. Para ele, sustentabilidade e modo de produção capitalista são incompatíveis.

Boff (2015) enfatiza que para haver o desenvolvimento sustentável, teria que mudar as sociedades da história que a cerca e a leva para a expansão e o crescimento, reconhecendo as contradições que perpassa a compreensão do que seja desenvolvimento e como este estaria atrelado a sustentabilidade ambiental.

Para Veiga (1948, p.171), “A sustentabilidade ambiental é baseada no duplo imperativo ético de solidariedade sincrônica com a geração atual e de solidariedade diacrônica com as gerações futuras”. Tais implicações são fundamentais para tão almejada conservação ambiental, principalmente nas áreas de povos e comunidades tradicionais.

O conservacionismo ambiental intrínseco na discussão aqui abordada está relacionado a uma corrente ideológica que envolve a relação homem/natureza.

PROMOÇÃO



APOIO



Entende-se que são nas reproduções das relações sociais que a necessidade de conservar o ambiente se reforça, na medida em que os recursos naturais se manifestam de forma finita, necessitando que o ser humano crie alternativas sustentáveis para sua própria subsistência e das futuras gerações.

Ao perguntar em um grupo focal para os comunitários sobre qual a compreensão de conservação ambiental, foi nos apresentada as seguintes falas:

Aquilo que a gente mexe com responsabilidade, por exemplo as áreas que não são conservadas são degradadas. Aquilo que a gente mexesse com responsabilidade e respeito, tirar e reflorestar. A floresta aqui tá pobre com a exploração (F. M, 2020);, não só daqui do Zé Açú. União pra cuidar do que é nosso (M. S, 2020);

Falta mais consciência dos moradores

Deveria se ter outro recurso para o manejo da floresta que não seja a queimada. Eu vejo o prejuízo hoje de coisas que eu ajudei a destruir quando trabalhava para os donos das fazendas, não dá pra voltar (O, M 2020).

As falas dos moradores da comunidade Nossa Senhora de Nazaré são enfáticas com relação à preocupação com a floresta, como eles costumam falar “sua riqueza maior”. Pensar em estratégias que diminuam a poluição e a degradação ambiental nessas comunidades, é um desafio, devido à proximidade com o meio urbano, as poluições, lixo, as grandes extensões latifundiárias de criação de gado, exploração de madeira, areia e outros recursos naturais da região.

1. COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ: Práticas tradicionais x exploração predatória.

As comunidades tradicionais, como destacado no primeiro capítulo, são constituídas de culturas e bens naturais que impulsiona os comunitários a lutarem no seu cotidiano pela existência, permanência e conservação ambiental.

Para os comunitários a relação com o ambiente transcende o significado da existência das comunidades, em suas falas destacam, “nós vivemos segundo a natureza, se ela empobrecer, nós também empobrecemos, porque a gente não vai mais ter o suficiente pra tirar dela” (O.M, 2020). A fala do comunitário implica na



relação com o ambiente e nas experiências compartilhadas diariamente. Para Tuan (1983, p. 10) “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência”.

O lugar para Tuan (1983) está atrelado à vivência, percepção esta, bastante presente na fala dos moradores e na observação em campo. As experiências geracionais dão sentido ao lugar que é a comunidade, criando formas, memórias e significados. “O lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...]” (p.203).

A comunidade Nossa Senhora de Nazaré é um lugar de resistência para aqueles que decidem ali permanecer, mesmo diante do descaso do poder público para com as necessidades básicas: saúde, alimentação, água potável, entre outras demandas. Pensar na economia atrelada à conservação ambiental, é uma preocupação constante para os comunitários, porém existem desafios.

Segundo o relato de um comunitário, “a gente sempre se une pra coletar lixo que ficam jogados pela beira, pelas praias, a universidade ajuda, o professor Brandão sempre tá aqui desenvolvendo ações” (O. M, 2019). Existe um esforço de práticas de conservação ambiental por parte da comunidade, a fala supracitada demonstra pequenas atitudes como a limpeza das praias que fazem diferença, pois os comunitários não esperam apenas do poder público, eles agem e intervêm dentro das possibilidades.

Esse enfraquecimento abordado pelos comunitários denota mudanças no meio rural. Principalmente, pelo modo de produção capitalista que traz novas demandas para sociedade. As comunidades são alvo do projeto mercantil do capital que prioriza a exploração do homem sobre a natureza. Para Diegues (2001, p. 93) as culturas tradicionais não são estáticas, estando em constante mudança, tanto quanto as demais organizações sociais elas se inserem no modo de produção mercantilista.

Não distante da cidade de Parintins, os comunitários vivem uma vida conectada com as áreas urbanas. O rádio, a televisão, os aparelhos celulares contribuem para as trocas de informações. As transformações das sociedades e seus

PROMOÇÃO



APOIO





impactos alcançam todos os modos de vida, bem como as comunidades tradicionais, sendo que nessas, a dificuldade parece ser bem acentuada por não estarem inseridas diretamente no modelo de produção industrial e sim no de pequeno porte.

Os pequenos agricultores da agricultura familiar da comunidade Nossa Senhora de Nazaré buscam parcerias junto a empresas e instituições para a venda dos produtos na cidade, mas as dificuldades para transporte e venda são fatos narrados pelos comunitários, isso quando excede a produção para a comercialização dos produtos (farinha, banana, maracujá, tucumã, entre outros), pois tem colheitas que suprem apenas o consumo próprio.

Segundo os comunitários, “na década de 70 aconteceu o êxodo rural, a evasão do interior para cidade, as famílias vendiam seus terrenos, indo embora pra cidade”. Muitas famílias migravam para cidade em busca de melhores “condições de vida” apresentada pelo modelo de sociedade vigente. Os relatos dos comunitários apontam que “fazendeiros compraram as terras de muitas famílias, hoje sendo grandes latifundiários da região” (O.M, 2020; F.M, 2020)

Um morador relata: “quando começa a entrar esses fazendeiros aqui pra desmatar, aí já começa o sistema capitalista, que deixa consequência. Não tem emprego porque tem máquinas. Ele não ocupa um roçador de terçado porque ele tem um roçador de máquina” (T.A, 2019). A fala do comunitário, entre os mais antigos, narra o processo de apropriação de terras na região por fazendeiros. Cabe ressaltar que as terras citadas na fala, correspondem a área de Assentamento da Reforma Agrária de Vila Amazônia, denominado nos documentos oficiais do governo brasileiro de: Projeto de Assentamento (PA) Vila Amazônia, região do Baixo Amazonas, Parintins.

Brandão (2016) destaca que várias ações da política da Reforma Agrária se direcionaram para Amazônia sobre a responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, vinculado ao Ministério da Reforma Agrária. A comunidade Nossa Senhora de Nazaré contempla as terras de reforma agrária. Diante disso, o fato de terras serem compradas por fazendeiros é um tanto arbitrário,

PROMOÇÃO



APOIO





pois se trata de terras públicas de área destinada a agricultura familiar, áreas essas destacadas na figura 1.

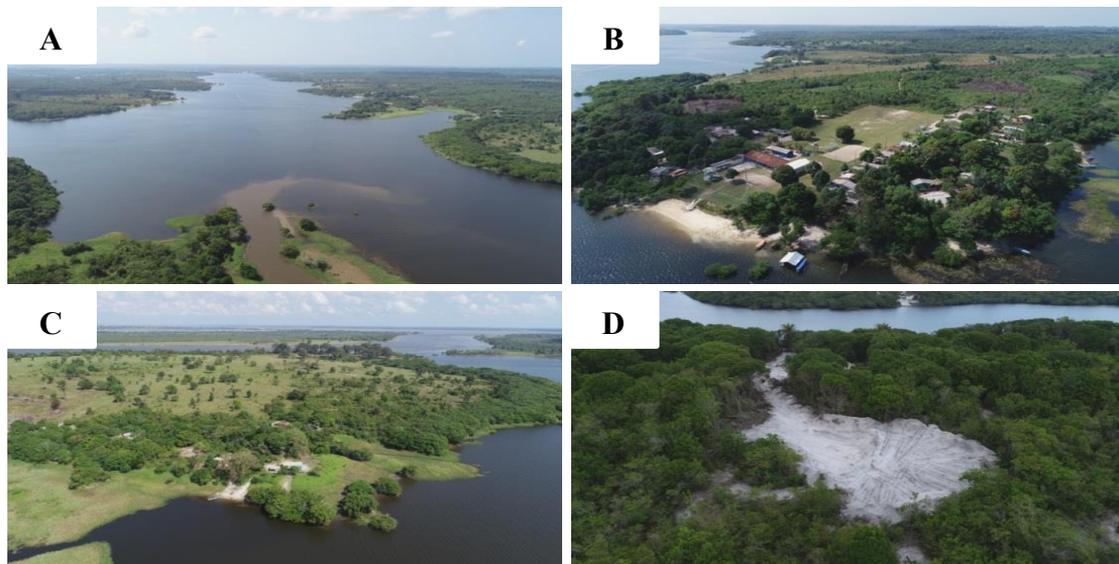


Figura 1- a) entrada do lago Zé Açú; b) imagem da comunidade e seu entorno; c) campo de criação de gado; d) buraco de areia explorado.

Fonte: Trabalho de campo realizado com imagens de drone, 2019. (Foto: Daniela Canto).

A figura 1 representa em imagens algumas falas narradas pelos comunitários, na imagem (C) podemos perceber um campo explorado, desmatado, que pertence a um fazendeiro da região. Segundo os relatos “nunca deu nada pra comunidade. Ele tem 6 mil e poucas hectares dentro do assentamento” (R.T, 2020). Existe uma queixa constante dos comunitários com relação aos fazendeiros que não contribuem, principalmente com projetos que visem o reflorestamento e a conservação ambiental da região. Essa fazenda cria gado branco e apesar de ter, entre seus vaqueiros, pessoas das comunidades próximas, não interage com a comunidade.

A imagem (B) corresponde a uma área por trás da comunidade. Observa-se o desmatamento do local, também se trata de outra fazenda. Essas terras são destinadas a criação de gado branco e búfalos.

Tais relatos corroboram com um sistema desigual, individualista e arbitrário que alcança as próprias comunidades tradicionais, trazendo impactos ambientais

PROMOÇÃO



APOIO



negativos. A exploração da região por fazendeiros, sem pensar nas pessoas que habitam anos esse lugar, é desconsiderar o processo sócio-histórico e a conservação ambiental travestida em anos de luta por essas pessoas.

Para os comunitários, em algumas partes da comunidade, a terra se torna improdutiva, por conta do desmatamento da região, bem como do calor do verão, que se intensifica com o desmatamento das regiões próximas, ou seja, as fazendas de criação de gado observadas nas imagens. Outra questão é que terras de assentamento não podem ser vendidas, pois pertencem à União. Logo, podemos perceber uma contradição na distribuição de terra, burlando a política da Reforma Agrária, a qual visa uma equidade na distribuição.

Outro ponto referente à exploração dos recursos naturais abordado pelos moradores da comunidade Nossa Senhora de Nazaré, trata-se de uma área próxima à comunidade onde existe uma retirada de areia em grande quantidade como apresenta a imagem (D), balsas de empresários de Parintins entram no Lago Zé Açú e fazem essa retirada. Ao relatar essa realidade os comunitários dizem que esses empresários também não desenvolvem projetos ou prestam colaboração com as comunidades da região.

Tais pontos abordados correspondem à observação feita em campo de pesquisa. A exploração dos trabalhadores rurais e de recursos naturais são visivelmente notados quando adentramos essa realidade. Em uma viagem para a comunidade, foi possível ver uma balsa de grande porte saindo do lago Zé Açú abastecida de madeira. A região é conhecida pela indústria madeireira. Segundo relatos na comunidade, existem balsas que só saem na madrugada da região. “A balsa entra vazia de dia, e a noite sai cheia de madeira, bem tarde da noite” (J. L., 2020). Isso nos faz refletir na extração ilegal que ameaça a Amazônia, e os povos que nela habitam.

A área da Vila Amazônia e sua extensão, envolvendo a comunidade Nossa Senhora de Nazaré fazem parte do projeto Assentamento da Vila Amazônia. O assentamento permitiu que núcleos familiares se apropriassem dessas terras a fim

PROMOÇÃO



APOIO





de realizarem suas plantações. A comunidade de Nossa Senhora de Nazaré é parte desse processo. Porém o que se vê hoje nas famílias é uma agricultura mínima, de subsistência. (BRANDÃO, 2016, p 41)

Cabe explicar a dinâmica dessas famílias que em sua maioria não planta no mesmo terreno que mora. As famílias que moram na sede da Comunidade (demonstrada na Figura 1. B), têm em sua maioria esses terrenos cedidos pela Igreja, poucos são próprios. Os quintais são pequenos, dando lugar para pequenas hortas, plantações de árvores frutíferas (banana, abacate, maracujá) e criação de animais (galinha, porco, pato). As famílias tiveram acesso no assentamento rural em terras para agricultura um pouco distantes, como fala um comunitário: “alguns da comunidade tem roçado na estrada, terra de um hectare pra menos” (F. M, 2020). Percebe-se que precisa de estrutura e transporte para manter esses roçados. “Eles vão de moto pro roçado, dá uns 30 minutos da comunidade para lá. Eles plantam mandioca, banana, pupunha e outros. Essas terras são de assentamento, deixada de pai pra filho” (O. M, 2020).

Atualmente, existe um enfraquecimento na política de assentamento de terras e agricultura familiar. As famílias estão procurando alternativa para melhorar suas plantações e escoar seus produtos. Como dito nos parágrafos supracitados, a Universidade Federal do Amazonas-UFAM tem ajudado com projetos, porém existe uma necessidade social que não é suprida e corresponde aos direitos básicos inerentes a essas pessoas, entre eles a alimentação.

Além da cultura do cultivo e do consumo da farinha, existe a realidade de que a farinha é mais rentável pois permite a produção dos derivados. Apesar de não ser a situação de todos, existem famílias que tem na farinha seu principal alimento, por necessidade da alimentação, porém não é uma refeição que contém todos os nutrientes necessários para uma alimentação completa.

Brandão (2016) chama de produção pluriativa de farinha e derivados da mandioca, sendo a atividade mais desempenhada pelos comunitários nos últimos anos, concomitante a toda região da Vila Amazônia. Porém, o fato de todas as

PROMOÇÃO



APOIO





comunidades voltarem-se para o cultivo da mandioca, aumenta a concorrência e a falta de outros produtos, mas não podemos desconsiderar a necessidade do consumo desses alimentos, principalmente da farinha, que é uma alimentação diária no cardápio dos comunitários.

Os desafios na agricultura refletem nas necessidades dos comunitários. De acordo com um comunitário: “Antigamente a gente ia rezar o terço no vizinho e no final do terço tinha uma mesa farta de beiju, tapioca, tucumã, fruta. Hoje só tem o café, quando tem” (M.S, 2020). A produção e a renda obtida pela mandioca e seus produtos mal suprem a comunidade, que se divide a partir do que dispõe, pois nem todos que plantam têm “casas de farinha” e vice-versa. O que sobra, eles vendem na cidade ou para atravessadores geralmente por preços abaixo do trabalho que executam.

A agricultura na comunidade Nossa Senhora de Nazaré, hoje se apresenta como um desafio, por inúmeros motivos, um deles é o calor do verão. Faz-se necessário, dessa forma, suportes técnicos que auxiliem na irrigação das plantações, para amenizar o calor que dificulta o desenvolvimento da agricultura, para a produção obter sucesso. A renda dessas pessoas é mínima, não dando para investir em suportes técnicos e humanos. A renda mal supre as necessidades cotidianas de algumas famílias, principalmente das que dependem majoritariamente da agricultura.

Outra prática importante para comunidade nossa Senhora de Nazaré é a pesca, que envolve gerações: netos, filhos, avós, compartilhando saberes tradicionais. O Lago Zé Açú compõe subjetividades unidas a crenças, lendas e significados que dão sentido para a existência da comunidade. O Lago também é a rua dos ribeirinhos, pois os rios os levam-nos e os trazem para onde querem.

Segundo a fala do comunitário, a poluição dos rios é preocupante, pois o comprometimento da água coloca em risco a saúde das pessoas que moram na região, bem como os problemas com o desenvolvimento e permanência dos peixes no lago. Outra preocupação constante é a pesca predatória que acontece na região, e não tem uma fiscalização fixa por parte dos órgãos ambientais.

PROMOÇÃO



APOIO



Embarcações de grande porte entram no lago, principalmente na madrugada para o abastecimento de peixes, usando de ferramentas proibidas como arrastão (malhadeiras extensas). Incompatível com as ferramentas utilizadas pelos comunitários.

Diante da fala da moradora, é possível perceber que não existe uma fiscalização assídua dos órgãos responsáveis pela preservação dos lagos, e os comunitários tentam suprir essa falta, fazendo a própria fiscalização que coloca em risco suas vidas. Eles chamam essa prática de vigília dos lagos, que se intensifica na seca com a subida das desovas dos tracajás, atraindo muitos predadores. A venda de tracajás é ilegal e fiscalizada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis- IBAMA, porém muitos burlam essa fiscalização.

4 CONCLUSÃO

A Amazônia tem uma extensa região, com rica diversidade sociocultural, as pesquisas nas diversas áreas, em especial nas ciências sociais são necessárias, pois possibilitam evidenciar as peculiaridades e particularidade que a envolve

A Comunidade Nossa Senhora de Nazaré é resistência em meio a um sistema predador que não valoriza as comunidades tradicionais. Estratégias de proteção e cuidado com o ambiente são diariamente expressa na comunidade.

Os comunitários têm a preocupação com o cuidado do ambiente, manifestadas nas estratégias de organização para lutar pelos seus interesses como: o lago e a qualidade da água, a limpeza dos lixos deixados pelos turistas que frequentam as praias do entorno, e o reflorestamento. Eles se unem em reuniões e com outras instituições como a Universidade Federal do Amazonas na tentativa de cuidar do seu ambiente. Porém, é necessário políticas publicas que olhem para esses locais com o cuidado socioambiental, uma vez que essas comunidades são guardiãs da riqueza ambiental da Amazonia.

PROMOÇÃO



APOIO



REFERÊNCIAS

- BECKER, B. K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOOF, L. **Ecologia: Grito da terra, grito dos pobre: dignidade e direito da mãe terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- BRANDÃO, J. C. M. **Perdurabilidade da agricultura familiar no projeto de Assentamento de Vila Amazônia**. Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. UFAM. 2016.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- FAZENDA, I. C. A., et. al. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2015.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa**. tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130340&search=amazonas|parintins>> Acesso em: 19 abril. 2019.
- LEFF, H. **Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes**. In. Diálogos e Saberes 17-24 Set/dez. 2009. Pdf
- _____. **Epistemologia ambiental**. ed. 3. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS**. Comissão Nacional da UNESCO: Portugal, 2003.
- SCHONS, S. M. **A questão ambiental e a condição da pobreza**. Revista Katálysis. v.15, n. 1, p. 70-78. Jan/jun. 2011.
- SILVA, M. A. P. da, et. al. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Baixo Amazonas**. Caritas Arquidiocesana de Manaus. Estudo Técnico – Manaus, agosto, 2010. 138 f.; il. Color.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1989.
- VEIGA, J. E. **Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

PROMOÇÃO



APOIO

